

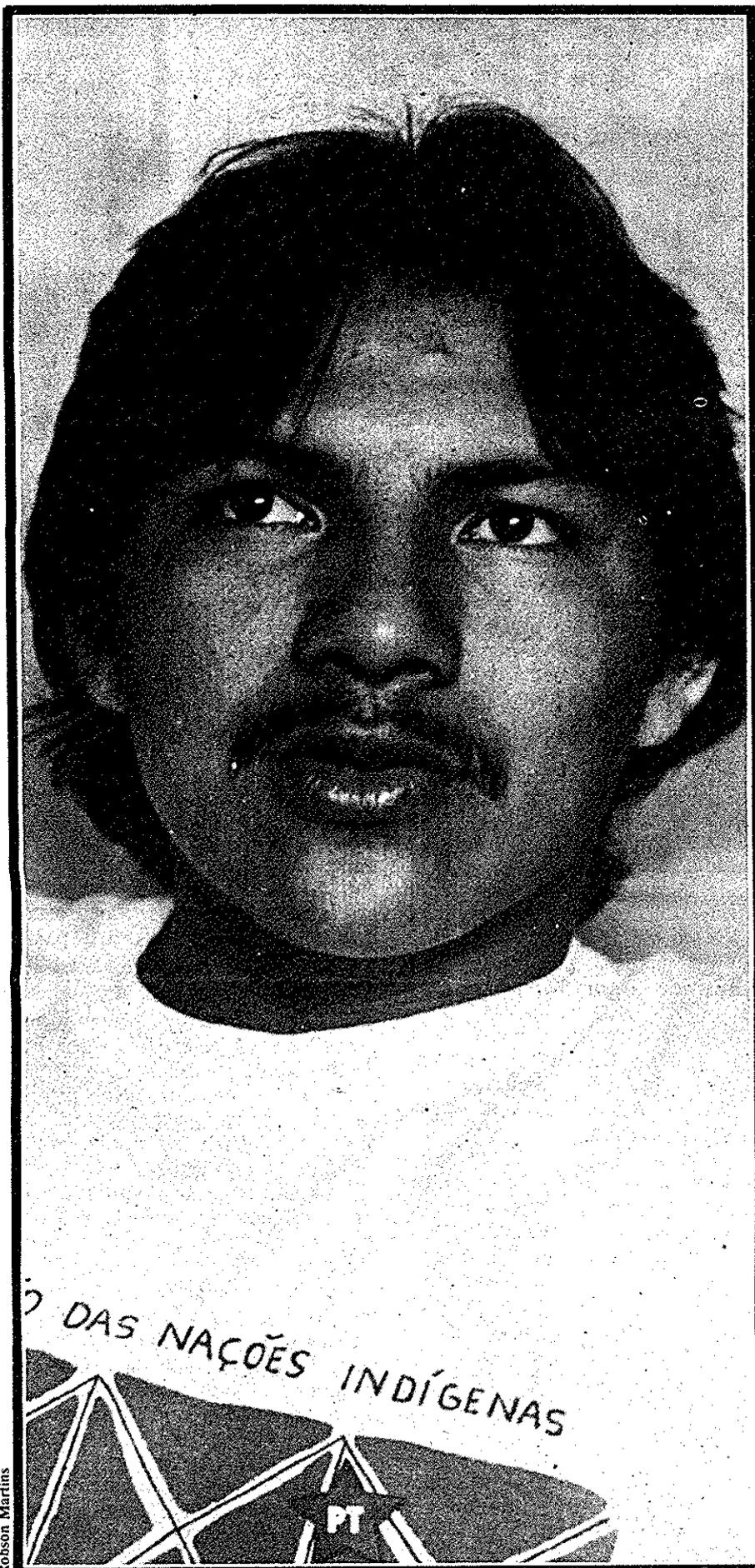
Yawanawá do Acre na terra do tio Sam

Biraci Brasil, Yawanawá do Acre, com 20 anos de idade, é conhecido como o "relações internacionais" da União das Nações Indígenas (UNI). Já esteve representando os índios do Brasil em três encontros importantes no exterior. O primeiro foi no Panamá — IV Assembléia do Conselho Mundial dos Povos Indígenas (CMP), em setembro de 1984 (ver PORANTIM N.º 69). Em julho pp. esteve em Batoche, no Canadá, participando da Conferência Internacional da Juventude Indígena. E no final de outubro foi para Santa Fé, capital do Novo México nos Estados Unidos: a convite do Instituto Indigenista Interamericano, ele representou as comunidades indígenas do Brasil no oitavo encontro da entidade, realizado entre os dias 26 de outubro e 2 de novembro. Nesse mesmo encontro, Apoena Meirelles, novo presidente da Funai, esteve representando o Governo brasileiro. Os índios presentes eram só observadores, sem direito a voz e voto, mas acabaram reunindo-se e elaborando um documento onde exigiram a criação de um fórum aberto à participação deles, nos próximos encontros.

Terminado o encontro de Santa Fé, Biraci visitou algumas comunidades indígenas nos Estados Unidos. Ao voltar, conversou com o PORANTIM sobre a vida dos Navajo. "Foi muito bom eu ter conhecido eles, mas a vida desse povo é bem diferente da nossa aqui". Uma das diferenças observadas por Biraci é que os 200.000 Navajo, que vivem no sudoeste do País, têm um governo próprio para negociar com o governo norte-americano. Têm universidades, fábricas, carros etc. Apesar de es-

tarem "mais voltados para a economia", segundo definição de Biraci, "uma coisa impressionante é que eles ainda conservam sua cultura tradicional". Outra forte impressão do Yawanawá foi, ao visitar as comunidades navajo, saber que ali não há demarcação e, mesmo assim, o território é respeitado. Qualquer intromissão na área só acontece após acordo entre o governo navajo e o governo federal. Quem garante a não invasão? Biraci responde que "são eles mesmos, a organização deles". Branco só entra após acordo, e paga muito bem por isso. Dentro da reserva dos Navajo, Biraci Brasil viu hotéis e supermercados que não são dos índios. Mas, para permanecerem lá, seus donos pagam impostos mensalmente à comunidade navajo. A sobrevivência dos índios é garantida pela criação de gado e plantação de batata, milho, arroz e soja, que eles chegam até a exportar.

Ao comparar o que viu lá com a realidade de seus companheiros daqui, Biraci, o Yawanawá que sonha estudar Antropologia, conclui: "A nossa vida é bem diferente, nós somos povos diferentes, estamos num país que é diferente também". No Panamá, Biraci conheceu os Kuna; no Canadá, os Metis. Após participar de três encontros e manter contatos com três povos tão diferenciados, o Yawanawá, de uma comunidade de 200 pessoas no Acre, tem muito o que contar. Tem também uma exigência, fruto da troca de experiências: "Queremos que o Governo reconheça o nosso modo de nos organizar como indígenas". E tem a certeza de que os governos "brancos" só respeitam os índios quando eles se organizam.



Robson Martins

Biraci Brasil, foi aos Estados Unidos representar a União das Nações Indígenas